

**A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO****The Partnership Between Family and School in Student Development**

Evanice Laranjeira dos Santos<sup>1</sup>

1 Mestranda em Ciências da Educação Cristã. Christian College of Educaler. E-mail: lf6463218@gmail.com

**Resumo**

O presente trabalho discute a parceria entre família e escola no desenvolvimento do aluno, considerando que ambos os espaços exercem funções distintas, embora interdependentes, na formação humana e escolar. O estudo parte da compreensão de que o desempenho acadêmico, a socialização, a construção de valores e o sentimento de pertencimento do estudante são fortemente influenciados pela qualidade da relação estabelecida entre responsáveis e instituição de ensino. O objetivo consistiu em analisar a importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento do aluno. Metodologicamente, foi realizada pesquisa bibliográfica, com seleção de produções nacionais recentes, documentos oficiais e artigos científicos voltados à temática. A análise evidenciou que a cooperação entre família e escola fortalece o acompanhamento pedagógico, amplia a corresponsabilidade educativa e favorece respostas mais consistentes às necessidades dos estudantes. Também se observou que obstáculos como desigualdades sociais, novas configurações familiares, barreiras comunicacionais e demandas inclusivas exigem da escola uma postura mais aberta, acolhedora e participativa. Conclui-se que a parceria família-escola não deve ser vista como ação pontual, mas como prática contínua, dialógica e estratégica para o desenvolvimento integral do aluno.

**Palavras-chave:** Família. Escola. Desenvolvimento do Aluno. Aprendizagem. Parceria Educativa.

**Abstract**

This study discusses the partnership between family and school in student development, considering that both environments perform distinct yet interdependent roles in human and educational formation. The study is based on the understanding that academic performance, socialization, the construction of values, and the student's sense of belonging are strongly influenced by the quality of the relationship established between guardians and the educational institution. The objective was to analyze the importance of the partnership between family and school in student development. Methodologically, a bibliographic research was conducted, with the selection of recent national publications, official documents, and scientific articles related to the theme. The analysis showed that cooperation between family and school strengthens pedagogical monitoring, enhances shared educational responsibility, and promotes more consistent responses to students' needs. It was also observed that obstacles such as social inequalities, new family configurations, communication barriers, and inclusive demands require schools to adopt a more open, welcoming, and participatory approach. It is concluded that the family-school partnership should not be seen as a sporadic action, but as a continuous, dialogical, and strategic practice for the integral development of the student.

**Keywords:** Family. School. Student Development. Learning. Educational Partnership.

**1 INTRODUÇÃO**

A relação entre família e escola ocupa lugar central nas discussões educacionais contemporâneas porque o processo de formação do aluno ultrapassa o limite da sala de aula e

envolve experiências construídas em diferentes espaços de convivência. Albuquerque e Aquino (2021) mostram que a interação entre esses dois contextos precisa ser compreendida como parte constitutiva do desenvolvimento infantil e juvenil, e não como mera formalidade institucional. Na mesma direção, Nogueira e Resende (2022) observam que o debate sobre a relação família-escola se consolidou no Brasil como campo relevante de investigação, justamente por revelar que o percurso escolar do estudante depende, em grande medida, da qualidade das conexões estabelecidas entre os sujeitos que participam de sua educação.

Nos últimos anos, essa discussão ganhou novos contornos diante das transformações sociais, das múltiplas configurações familiares, das demandas da educação inclusiva e da ampliação de políticas públicas que buscam aproximar comunidade e escola. Nogueira e Coutinho (2025) apontam que os arranjos familiares contemporâneos desafiam leituras simplificadas sobre participação, exigindo da escola maior sensibilidade para reconhecer realidades distintas sem reproduzir julgamentos ou exclusões. A participação da família deve ser estimulada como princípio de fortalecimento da aprendizagem, da convivência democrática e da construção de uma escola mais conectada com a comunidade (Brasil, 2024a; 2024b).

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de compreender por que, mesmo sendo amplamente reconhecida como importante, a parceria entre família e escola ainda encontra entraves para se consolidar de forma efetiva no cotidiano educacional. Em muitos contextos, a aproximação acontece apenas quando surgem dificuldades disciplinares ou queda de rendimento, o que reduz o potencial dessa relação e a transforma em contato reativo. Diante disso, torna-se pertinente problematizar: de que maneira a parceria entre família e escola pode contribuir, de forma concreta e contínua, para o desenvolvimento integral do aluno?

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento do aluno. Como objetivos específicos, busca-se compreender a complementaridade entre os dois espaços formativos; discutir os efeitos da participação familiar na aprendizagem e no desempenho escolar; examinar o papel da comunicação, da corresponsabilidade e da gestão democrática nessa relação; e refletir sobre os desafios atuais dessa parceria em contextos marcados pela inclusão e pela diversidade.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A parceria entre família e escola deve ser entendida como um dos pilares da formação do aluno, pois ambas participam, de maneiras distintas, da construção de referências cognitivas, afetivas, éticas e sociais. Albuquerque e Aquino (2021), ao discutirem concepções profissionais

sobre essa relação, mostram que a aproximação entre os dois contextos não pode ser pensada apenas em termos burocráticos, como assinatura de boletins ou presença esporádica em reuniões. Nogueira e Resende (2022), por sua vez, evidenciam que a temática já possui trajetória consolidada no campo educacional brasileiro, justamente porque o vínculo entre responsáveis e escola interfere no cotidiano pedagógico, nas expectativas em torno do estudante e na forma como se interpretam sucesso, dificuldade e permanência escolar. Isso permite perceber que a educação formal não se sustenta isoladamente, já que o aluno chega à escola trazendo experiências, hábitos, valores e formas de interação construídas fora dela.

Quando essa relação é construída com respeito mútuo e objetivos compartilhados, o estudante tende a encontrar maior coerência entre os estímulos recebidos em casa e na instituição de ensino. A participação da família fortalece o acompanhamento da vida escolar e amplia o compromisso com o desenvolvimento das crianças e adolescentes (Brasil, 2022). Em sintonia com essa compreensão, Colagrossi et al. (2024) mostram que políticas educacionais voltadas ao fortalecimento da relação família-escola produzem efeitos positivos quando deixam de tratar a família como espectadora e a reconhecem como agente ativa do processo educativo. Em termos práticos, isso significa que o aluno passa a perceber que sua trajetória importa para mais de um espaço, o que pode favorecer segurança emocional, maior engajamento e melhor disposição para enfrentar desafios acadêmicos.

Também é preciso reconhecer que a noção de família não pode ser reduzida a um modelo único. Carvalho, Coutrim e Moreira (2025) evidenciam que novas configurações familiares, como a presença marcante de avós cuidadoras na escolarização dos netos, desafiam visões tradicionais sobre quem acompanha o percurso do estudante. Nogueira e Coutinho (2025) acrescentam que a contemporaneidade impõe à escola a necessidade de rever práticas que, por vezes, ainda tomam como referência um padrão familiar fixo e homogêneo. Quando a instituição ignora a diversidade das experiências domésticas, tende a transformar diferença em problema. Quando reconhece essa pluralidade, amplia as possibilidades de acolhimento e fortalece a rede de apoio ao aluno. O desenvolvimento escolar, nesse sentido, depende menos da adequação a um formato idealizado de família e mais da capacidade institucional de construir diálogo com as realidades concretas dos responsáveis.

Koltermann et al. (2025) indicam que o envolvimento entre família e escola pode ser observado em rotinas compartilhadas, acompanhamento das atividades e formas de interação que sinalizam presença concreta na vida educacional do estudante. Rodrigues Junior et al. (2025) reforçam que a cooperação entre esses dois polos tem sido reconhecida como componente importante para a aprendizagem, porque contribui para a identificação precoce de

dificuldades e para a construção de respostas educativas mais articuladas. Isso não significa transferir à família a responsabilidade exclusiva por resultados escolares, mas admitir que o acompanhamento familiar, quando possível e bem orientado, potencializa o trabalho docente e favorece a permanência qualificada do aluno.

A gestão democrática também se mostra decisiva nesse processo, pois a relação família-escola não se limita ao acompanhamento individual do estudante; ela também envolve participação, escuta e corresponsabilidade na vida institucional. Alcantara e Resende (2025) observam que a presença das famílias na gestão educacional revela tensões e possibilidades, especialmente quando se discute o lugar de pais que também são professores ou sujeitos com múltiplos vínculos com a escola. Silva (2025) amplia esse debate ao sustentar uma leitura sociológica da relação escola-família, chamando atenção para os marcadores sociais, culturais e simbólicos que atravessam essa aproximação. Assim, a participação não pode ser tratada como simples presença física, mas como inserção efetiva em processos de diálogo, decisão e reconhecimento.

Santos, Rodrigues e Capellini (2025) mostram que a percepção de pais e responsáveis sobre o atendimento escolar oferecido aos filhos influencia diretamente o grau de confiança depositado na instituição. Souza (2025) destaca que, na Educação Especial, o diálogo entre escola e família precisa ser contínuo, claro e sensível às necessidades do aluno, pois o êxito das práticas inclusivas depende de articulação, escuta e planejamento compartilhado. Diante disso, compreender teoricamente a parceria entre família e escola significa reconhecer que o desenvolvimento do aluno resulta de relações construídas cotidianamente, atravessadas por afetos, conflitos, limites institucionais e possibilidades concretas de cooperação.

### **3 METODOLOGIA**

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e com finalidade descritivo-analítica, voltada à compreensão da parceria entre família e escola no desenvolvimento do aluno. A opção por esse procedimento decorreu da necessidade de reunir contribuições teóricas e documentais capazes de sustentar uma leitura ampla sobre o tema, considerando dimensões pedagógicas, institucionais, psicopedagógicas e inclusivas. A análise concentrou-se em produções nacionais recentes, o que permitiu observar o debate em sintonia com demandas contemporâneas da realidade educacional brasileira.

O levantamento do material foi realizado a partir de artigos científicos e documentos oficiais disponibilizados em bases e portais de acesso público. Foram utilizados como

descritores os termos “família”, “escola”, “desenvolvimento do aluno”, “aprendizagem” e “parceria educativa”. O recorte temporal abrangeu publicações entre 2021 e 2025, com o propósito de garantir maior atualidade ao corpus analisado. Como critérios de inclusão, selecionaram-se textos em língua portuguesa, de autoria nacional, disponíveis integral ou parcialmente em bases acadêmicas e portais institucionais, desde que apresentassem relação direta com o objeto estudado. Como critérios de exclusão, foram descartados materiais duplicados, publicações sem aderência temática, textos opinativos sem base acadêmica e produções fora do período delimitado.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 A FAMÍLIA E A ESCOLA COMO ESPAÇOS COMPLEMENTARES DE FORMAÇÃO DO ALUNO**

A compreensão de que família e escola são espaços complementares de formação do aluno ajuda a superar uma leitura fragmentada da educação, segundo a qual cada instituição atuaria de forma isolada e autossuficiente. Albuquerque e Aquino (2021) indicam que a relação entre esses dois contextos precisa ser entendida como parte de um processo mais amplo de desenvolvimento, no qual aspectos emocionais, sociais e cognitivos se entrelaçam. Nogueira e Resende (2022), ao recuperarem a trajetória do debate no Brasil, mostram que a centralidade dessa temática decorre justamente do reconhecimento de que a escolarização não começa nem termina dentro da escola. O aluno chega à instituição carregando marcas de sua convivência familiar, de seus modos de comunicação, de suas referências afetivas e de sua relação inicial com normas, limites e expectativas.

Essa constatação não autoriza a escola a reproduzir julgamentos sobre os arranjos familiares, mas exige dela capacidade de leitura social e sensibilidade pedagógica. Nogueira e Coutinho (2025) destacam que as relações família-escola, na contemporaneidade, estão atravessadas por novas configurações sociais que desafiam antigas certezas sobre participação, cuidado e responsabilidade. Carvalho, Coutrim e Moreira (2025) aprofundam essa questão ao mostrarem que o protagonismo de avós cuidadoras na escolarização dos netos revela formas concretas de acompanhamento que escapam ao modelo nuclear tradicional. Quando a escola insiste em dialogar apenas com um padrão idealizado de família, acaba invisibilizando sujeitos reais que sustentam a trajetória escolar do estudante. Em contrapartida, quando reconhece a

pluralidade dos arranjos domésticos, amplia sua potência educativa e fortalece vínculos mais honestos com a comunidade.

Do ponto de vista formativo, família e escola não desempenham a mesma função, mas se completam. A aproximação com os responsáveis contribui para que a escola conheça melhor a realidade do estudante e construa estratégias mais coerentes com suas necessidades (Brasil, 2022). Colagrossi et al. (2024) reforçam que políticas de fortalecimento da relação família-escola geram efeitos mais consistentes quando entendem a família como parceira do processo educativo, e não como instância convocada apenas para resolver problemas. Em termos concretos, a família oferece referências de pertencimento, linguagem, cuidado e valores; a escola, por sua vez, sistematiza o conhecimento, organiza experiências coletivas e amplia o repertório cultural do aluno. O desenvolvimento integral depende do diálogo entre essas dimensões.

Quando esse diálogo não existe, o aluno frequentemente se vê diante de mensagens desencontradas, expectativas confusas e ausência de sustentação conjunta em momentos decisivos. Rodrigues Junior et al. (2025) observam que a cooperação entre escola e família favorece respostas mais articuladas diante de dificuldades de aprendizagem, desafios comportamentais ou necessidades específicas. Pinto (2022), ao examinar a presença do tema nas publicações da área, evidencia que a relação família-escola é recorrente exatamente porque toca um ponto sensível da prática educacional: a necessidade de construir alianças formativas que ultrapassem o discurso genérico da participação. Não basta dizer que a família é importante; é preciso produzir condições reais para que essa importância se transforme em vínculo, escuta e corresponsabilidade.

Essa complementaridade também precisa ser pensada a partir das assimetrias existentes entre os sujeitos. Silva (2025) chama atenção para o fato de que a relação escola-família é atravessada por hierarquias simbólicas, capitais culturais desiguais e expectativas institucionais nem sempre explicitadas. Isso ajuda a entender por que alguns responsáveis se sentem à vontade no ambiente escolar, enquanto outros o percebem como espaço distante, formal ou hostil. Alcantara e Resende (2025) mostram que a participação familiar na gestão educacional não ocorre em terreno neutro, mas em um cenário marcado por posições sociais, disputas de legitimidade e diferentes possibilidades de atuação. Reconhecer essa complexidade impede que a ausência de participação seja interpretada apressadamente como desinteresse.

Ela requer construção cotidiana de confiança, definição clara de papéis e disposição para reconhecer limites e potências de cada espaço. A aproximação entre escola e comunidade precisa ser cultivada como prática permanente, capaz de integrar cuidado, formação e

participação. Nessa perspectiva, o aluno deixa de ser visto como responsabilidade exclusiva de um lado ou de outro e passa a ocupar o centro de uma rede educativa mais consistente. Quanto mais coerente e respeitosa for essa rede, maiores serão as condições de desenvolvimento acadêmico, social e emocional do estudante (Albuquerque *et al.*, 2021; Brasil, 2024b).

#### 4.2 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM E NO DESEMPENHO ESCOLAR

A participação familiar no percurso escolar do aluno repercute diretamente na aprendizagem, não apenas porque contribui para o acompanhamento das atividades, mas porque produz no estudante a percepção de que sua experiência escolar tem valor para aqueles que compõem sua rede de cuidado. Koltermann *et al.* (2025), ao tratarem da rotina compartilhada e do envolvimento família-escola, indicam que essa participação pode se expressar em práticas concretas, como acompanhamento de tarefas, organização de horários, diálogo sobre dificuldades e interesse pelas vivências escolares. Esses elementos, quando presentes, ajudam a criar um ambiente mais favorável à aprendizagem.

O impacto desse envolvimento não deve ser interpretado de forma simplista, como se a presença da família garantisse automaticamente bom desempenho. Rodrigues Junior *et al.* (2025) mostram que a cooperação entre escola e família contribui para o fortalecimento do processo educativo, mas seus efeitos dependem da qualidade da interação estabelecida e das condições objetivas de vida dos responsáveis. Nogueira e Coutinho (2025) lembram que as transformações sociais contemporâneas impõem desafios concretos à participação, sobretudo em contextos de trabalho precário, jornadas extensas e múltiplas responsabilidades domésticas. Em razão disso, o debate sobre aprendizagem precisa evitar culpabilizações apressadas. O que está em jogo não é somente a vontade de participar, mas também a possibilidade real de presença, diálogo e acompanhamento.

Ainda assim, quando existe vínculo entre família e escola, torna-se mais fácil identificar mudanças no comportamento do aluno, oscilações no rendimento e sinais de sofrimento ou desmotivação. Albuquerque e Aquino (2021) apontam que profissionais da área educacional reconhecem a importância dessa relação justamente porque ela permite leituras mais completas da trajetória do estudante. Pinto (2022) reforça que a recorrência do tema nas produções acadêmicas revela sua conexão com problemas cotidianos da escola, como fracasso escolar, indisciplina, dificuldades de aprendizagem e afastamento do ambiente educativo. O acompanhamento familiar, nesse sentido, não substitui o trabalho pedagógico, mas oferece

apoio relevante para que a escola compreenda o estudante em sua totalidade e não apenas a partir de resultados avaliativos.

Colagrossi et al. (2024) defendem que políticas públicas voltadas à relação família-escola alcançam melhores resultados quando promovem apoio e fortalecimento, e não responsabilização punitiva. O Programa Escola e Comunidade (Proec) também caminha nessa direção ao proporem estratégias de aproximação entre escola e comunidade que valorizem a presença das famílias de forma dialógica (Brasil, 2024a; 2024b). Em termos pedagógicos, isso quer dizer que o efeito positivo da participação familiar nasce mais do vínculo construído do que da fiscalização rígida. O aluno tende a responder melhor quando percebe orientação, interesse e apoio, e não apenas cobrança.

Silva (2025), ao discutir sociologicamente a relação escola-família, ajuda a compreender que o desempenho do aluno não pode ser lido fora das condições sociais que organizam sua vida cotidiana. Nogueira e Resende (2022) também mostram que o debate sobre família e escola no Brasil foi se fortalecendo à medida que se tornou evidente a relação entre participação familiar, sucesso escolar e desigualdades educacionais. Em outras palavras, a presença da família pode funcionar como fator de proteção, sobretudo quando o estudante enfrenta inseguranças, baixo rendimento ou situações de vulnerabilidade. Esse apoio, mesmo quando simples, pode representar diferença importante na continuidade dos estudos.

Ao mesmo tempo, a escola precisa aprender a reconhecer formas de participação que nem sempre correspondem ao modelo tradicional esperado. Carvalho, Coutrim e Moreira (2025) mostram que responsáveis diversos, como avós cuidadoras, exercem papel decisivo na escolarização, ainda que muitas vezes não sejam plenamente considerados nas práticas institucionais. Santos, Rodrigues e Capellini (2025), ao tratarem da percepção de pais e responsáveis sobre a inclusão escolar, deixam claro que a confiança na escola influencia a disposição para acompanhar mais de perto a vida acadêmica dos filhos. Isso revela que a participação familiar também depende do modo como a instituição acolhe, informa e legitima a presença dos responsáveis.

#### 4.3 COMUNICAÇÃO, CORRESPONSABILIDADE E GESTÃO DEMOCRÁTICA NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

A qualidade da relação entre família e escola depende, em larga medida, da forma como a comunicação é construída entre esses dois espaços. O Proec (Brasil, 2024b) indica que o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade exige canais permanentes de diálogo,

escuta e participação. Alcantara e Resende (2025) mostram que a presença das famílias na gestão educacional envolve mais do que comparecimento eventual; ela pressupõe reconhecimento de voz e possibilidade real de interferência nos processos institucionais. Quando a comunicação se limita a avisos formais, cobranças ou convocações em momentos de crise, a parceria tende a se fragilizar. Em contrapartida, quando há abertura para troca contínua, a escola deixa de ser espaço distante e passa a ser percebida como ambiente compartilhado.

A corresponsabilidade educativa nasce justamente desse movimento de aproximação. Albuquerque e Aquino (2021) mostram que as concepções profissionais sobre a relação família-escola revelam a necessidade de superar a lógica de transferência de culpa entre os dois lados. Em muitos contextos, a escola atribui à família a origem dos problemas; em outros, a família espera da escola respostas isoladas para todas as demandas do aluno. Nogueira e Resende (2022) ajudam a compreender que essa tensão não é nova, mas ganha contornos mais complexos diante das exigências atuais da educação. A ideia de corresponsabilidade não significa divisão igualitária e abstrata de deveres, e sim compromisso articulado, no qual cada parte reconhece seu papel sem negar a importância da outra.

No plano prático, a comunicação eficiente precisa ser acessível, respeitosa e compatível com as condições de vida das famílias. Nogueira e Coutinho (2025) observam que os contextos educacionais contemporâneos são marcados por diversidade social, cultural e familiar, o que impede o uso de estratégias padronizadas de aproximação. Silva (2025) acrescenta que a relação escola-família é atravessada por desigualdades simbólicas que podem transformar a linguagem institucional em barreira. Muitas vezes, o problema não está na ausência de interesse dos responsáveis, mas no fato de que a escola ainda comunica a partir de códigos pouco acolhedores, excessivamente técnicos ou distantes do cotidiano comunitário. Uma gestão democrática exige atenção a essas mediações.

Colagrossi et al. (2024) mostram que iniciativas de fortalecimento da relação família-escola alcançam melhores resultados quando as famílias não são tratadas apenas como destinatárias de orientações, mas como participantes da construção de soluções. O Guia da Escola desenvolvido pelo Proec (Brasil, 2022) segue esse entendimento ao defender ações de aproximação que valorizem o diálogo sobre o desenvolvimento do estudante. Quando a escola escuta os responsáveis, passa a conhecer melhor a realidade social, emocional e familiar do aluno. Essa informação não serve para rotular, mas para orientar práticas mais coerentes. O contrário também é verdadeiro: quando a família encontra espaço para compreender as rotinas, regras e metas da instituição, reduz-se a possibilidade de ruídos e conflitos desnecessários.

A gestão democrática amplia esse debate porque desloca a parceria do plano individual para o plano coletivo. Alcantara e Resende (2025) mostram que a participação das famílias na gestão educacional envolve disputas, limites e negociações, o que revela seu caráter político. Não se trata apenas de ajudar em eventos escolares ou comparecer quando convocado, mas de participar de conselhos, reuniões deliberativas e processos em que a escola pensa a si mesma. Programas voltados à integração entre escola e comunidade podem fortalecer esse movimento ao reconhecer a participação familiar como elemento estratégico da qualidade educacional (Brasil, 2024a; 2024b). Nesse cenário, corresponsabilidade deixa de ser palavra abstrata e passa a ter expressão institucional.

Entretanto, para que a gestão democrática produza efeitos concretos, a escola precisa rever a forma como enxerga a presença da família. Pinto (2022) evidencia que o tema da relação família-escola aparece de maneira recorrente nas produções da área justamente por envolver conflitos persistentes entre expectativa institucional e participação real. Rodrigues Junior et al. (2025) lembram que a cooperação se fortalece quando há clareza de objetivos, respeito mútuo e disposição para construir soluções conjuntas. Isso significa que a escola precisa abandonar práticas que aproximam os responsáveis apenas em situações problemáticas e criar experiências regulares de comunicação positiva, partilha de informações e reconhecimento de avanços.

#### 4.4 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA EM CONTEXTOS DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Os desafios contemporâneos da parceria entre família e escola se tornam mais visíveis quando o debate é deslocado para contextos de inclusão e diversidade. Nogueira e Coutinho (2025) assinalam que as transformações sociais recentes modificaram profundamente as bases dessa relação, exigindo da escola novas formas de acolhimento e interlocução. Carvalho, Coutrim e Moreira (2025) evidenciam que a pluralidade dos arranjos familiares desestabiliza expectativas tradicionais e obriga a instituição a ampliar sua compreensão sobre quem são os sujeitos responsáveis pela escolarização. Em vez de operar com um modelo idealizado de família, a escola precisa reconhecer a realidade concreta dos vínculos que sustentam a vida do aluno.

No campo da inclusão escolar, essa necessidade se torna ainda mais urgente. Santos, Rodrigues e Capellini (2025) mostram que a percepção dos pais e responsáveis sobre a qualidade do atendimento escolar oferecido aos filhos influencia diretamente o nível de confiança na instituição. Souza (2025) reforça que, na Educação Especial, a relação família-

escola demanda diálogo permanente, clareza de informação e construção conjunta de estratégias. Isso ocorre porque a inclusão não se realiza apenas por matrícula ou presença física do estudante na escola. Ela depende de práticas cotidianas de escuta, adaptação, acompanhamento e articulação entre os diferentes sujeitos envolvidos. Quando a família é mantida à margem, a escola perde uma fonte essencial de conhecimento sobre o aluno.

Albuquerque e Aquino (2021) mostram que concepções profissionais sobre a relação família-escola podem carregar expectativas idealizadas ou visões culpabilizantes, especialmente quando surgem dificuldades no desenvolvimento do estudante. Silva (2025), em chave sociológica, ajuda a entender que essa relação está atravessada por desigualdades de classe, repertórios culturais distintos e modos diversos de ocupar o espaço escolar. Em contextos inclusivos, essas desigualdades tendem a se intensificar, porque famílias já submetidas a outras formas de vulnerabilidade precisam, muitas vezes, enfrentar também barreiras comunicacionais, preconceitos e ausência de suporte institucional.

A participação familiar fortalece o acompanhamento do processo educacional e favorece o desenvolvimento integral do estudante. Para tanto, são essenciais ações que intensifiquem o vínculo com a comunidade escolar (Brasil, 2022; 2024a; 2024b). Em contextos de diversidade, esse movimento se torna especialmente importante, pois a escola precisa construir práticas que acolham diferenças sem transformá-las em motivo de afastamento. A parceria com a família, quando bem conduzida, ajuda a tornar visíveis necessidades específicas, hábitos, limites e potencialidades que muitas vezes não emergem apenas pela observação escolar.

Rodrigues Junior et al. (2025) mostram que a cooperação entre esses dois espaços precisa ser lida como construção compartilhada, e não como disputa por culpados. Pinto (2022) também permite perceber que o tema permanece atual porque toca dificuldades persistentes do cotidiano escolar brasileiro. Em cenários de inclusão e diversidade, essa culpabilização se torna ainda mais danosa, já que o aluno pode acabar situado no centro de um conflito institucional e familiar que enfraquece seu desenvolvimento. O caminho mais produtivo está na criação de pactos educativos claros, respeitosos e ajustados à realidade de cada comunidade.

Também é preciso reconhecer que nem toda família dispõe dos mesmos recursos materiais, emocionais e informacionais para acompanhar o percurso escolar de um filho. Nogueira e Resende (2022) mostram que o debate sobre família e escola no Brasil sempre esteve ligado às desigualdades educacionais. Colagrossi et al. (2024) indicam que políticas públicas voltadas ao fortalecimento desse vínculo podem gerar apoio importante, sobretudo quando reconhecem as famílias em sua diversidade e evitam propostas homogêneas. Em outras

palavras, a inclusão não depende apenas de boa vontade individual. Ela requer suporte institucional, formação de profissionais, comunicação adequada e compreensão de que a diversidade familiar e estudantil é parte constitutiva da escola contemporânea.

Diante desse quadro, os desafios atuais da parceria família-escola em contextos de inclusão e diversidade exigem revisão de práticas, mudança de postura e compromisso ético com o direito à educação. Santos, Rodrigues e Capellini (2025) e Souza (2025) deixam evidente que a confiança da família na escola é elemento central para o sucesso das ações inclusivas. Quando a instituição acolhe, informa, escuta e compartilha decisões, cria-se um ambiente mais favorável para o desenvolvimento do aluno. Quando ignora diferenças, impõe padrões rígidos ou restringe a participação dos responsáveis, a parceria se fragiliza. Em uma escola comprometida com a inclusão, diversidade não pode ser vista como obstáculo, mas como condição real a partir da qual se constroem vínculos educativos mais justos e consistentes.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise desenvolvida permitiu compreender que a parceria entre família e escola constitui elemento decisivo para o desenvolvimento do aluno, não apenas em termos de desempenho acadêmico, mas também no que se refere à formação emocional, social e ética. Ao longo do trabalho, ficou evidente que esses dois espaços não atuam de maneira concorrente, e sim complementar, ainda que essa complementaridade dependa de diálogo, reconhecimento mútuo e abertura institucional. Também se observou que a participação familiar, quando acolhida e valorizada, fortalece a aprendizagem, favorece a identificação de dificuldades e amplia o sentimento de pertencimento do estudante à vida escolar. Do mesmo modo, a comunicação qualificada e a gestão democrática se mostraram indispensáveis para que a corresponsabilidade educativa deixe de ser apenas discurso.

Também se conclui que os desafios contemporâneos dessa parceria são atravessados por desigualdades sociais, novas configurações familiares, barreiras simbólicas e demandas crescentes de inclusão e diversidade. Isso exige da escola uma postura menos normativa e mais sensível às realidades concretas dos sujeitos que compõem a comunidade educativa. A construção dessa aproximação não se resolve com ações pontuais, mas com práticas contínuas de escuta, acolhimento e participação. Quando família e escola conseguem atuar de forma articulada, o aluno encontra uma rede mais segura e coerente para seu desenvolvimento. Por essa razão, investir nessa parceria significa investir na qualidade da educação e no fortalecimento de trajetórias escolares mais humanas, inclusivas e consistentes.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de; AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Psicologia escolar e relação família-escola: um estudo sobre concepções profissionais. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.29033>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100010&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100010&script=sci_abstract). Acesso em: 24 mar. 2026.
- ALCANTARA, Guilherme de; RESENDE, Tânia de Freitas. Participação das famílias na gestão educacional: o lugar dos pais-professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, e96138, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.96138>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/96138>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia da Escola: Programa Educação e Família**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/eb/programa-educacao-e-familia/pdf/GUIADAESCOLA.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações para elaboração do Projeto de Formação Proec – Ciclo 2024**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/proec/OrientaesparaELABORAodoProjetoFormaoProecCiclo2024.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Escola e Comunidade (Proec)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/institucionais/documentos/Proec.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; MOREIRA, Núbia Regina. As relações família-escola nas novas configurações familiares: o protagonismo das avós cuidadoras na escolarização dos netos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, e95714, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.95714>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/95714>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- COLAGROSSI, Ana Luiza Raggio et al. Da pesquisa à prática: a implementação de uma política pública educacional para apoiar o desenvolvimento infantil a partir do fortalecimento das relações entre família e escola. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 34, n. 36, p. 6-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.37388/cp2024/v34n36a02>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1415-69542024000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1415-69542024000200006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 24 mar. 2026.
- KOLTERMANN, Gabriella et al. Checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola: versões reduzidas e evidências psicométricas. **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 24, e24700, 2025. DOI: <https://doi.org/10.15689/ap.2025.24.e24700>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1677-04712025000100117&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1677-04712025000100117&script=sci_abstract). Acesso em: 24 mar. 2026.
- NOGUEIRA, Maria Alice; COUTINHO, Priscila de Oliveira. Relações família-escola na contemporaneidade: novas configurações sociais e os desafios dos contextos educacionais em transformação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, e98626, 2025. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1984-0411.98626>. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/er/a/7zf6pw83sLcVRHG8zvN4DyR/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2026.

NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, Tânia de Freitas. Relação família-escola no Brasil: um estado do conhecimento (1997-2011). **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 32, n. 65, p. e02, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v32.n.65.s15325>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15325>. Acesso em: 24 mar. 2026.

PINTO, Alex Barbosa Abreu. A relação família-escola nas publicações da ABRAPEE: estado do conhecimento. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 39, n. 120, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220029>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862022000300015&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862022000300015&script=sci_arttext). Acesso em: 24 mar. 2026.

RODRIGUES JUNIOR, Weliton Campelo et al. A cooperação entre escola e família: uma análise das produções acadêmicas. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 35, n. 37, e05, 2025. DOI: <https://doi.org/10.37388/cp2025/v35n37a05>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1415-69542025000100700&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&nrm=iso&pid=S1415-69542025000100700&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 24 mar. 2026.

SANTOS, Camila Elidia Messias dos; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Percepção de pais e responsáveis sobre a inclusão escolar e o atendimento da escola oferecido aos seus filhos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 31, e0123, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0123>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/n3kr4Pw7TfpjvCspKMCm5Sf/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SILVA, Pedro. Por uma sociologia da relação escola-família. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 41, e98366, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.98366>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/98366>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SOUZA, Sirleine Brandão de. A relação família-escola e a Educação Especial: alguns apontamentos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, e96110, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.96110>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/96110>. Acesso em: 24 mar. 2026.